

Devir-infantil em uma biografemática

Bolsista Dayana Uchaki de Matos (CNPq)

Orientadora: Sandra Mara Corazza

Introdução

Este trabalho integra a pesquisa “Fantasias de escrita: devir-infantil de currículos nômades”, financiada por CNPq e FAPERGS. Analisa uma das experimentações realizadas em Oficinas de Escrita Biografemática com uma turma de Graduação, na disciplina “Teoria do currículo” (2010/1), destinada a cursos de Licenciaturas, na Faculdade de Educação – FACED/UFRGS, bem como uma turma do curso de Especialização Infantil, do Instituto Cenecista de Ensino Superior de Santo Ângelo (IESA).

Desenvolvimento

As Oficinas propuseram exercícios de escrita sobre a própria infância, a partir da exposição do conceito de *biografema*, tal como pensado por Roland Barthes. A escrita biografemática opera na instância de uma ilusão biográfica, a qual reinventa memórias, desloca a ordem cronológica e os sentidos dos fatos. Desse modo, um biografema não é produzido por seguir a linearidade e a veracidade biográficas; mas em função de efêmeros fragmentos de vida. Assim, consideramos que a escrita biografemática propicia o *devir – infantil*. Este devir-infantil representa precisamente um bloco de infância, na expressão de Deleuze (1997) e Gil(2000), que caracteriza o devir-infância como o resultado da convergência e concomitância dos movimentos de passado e futuro em sentidos contrários. A escrita (biografemática) produz o devir-infantil do adulto, e implica sua entrada no plano molecular, uma vez que o devir é criança, por excelência; isto é, joga, brinca, inventa as certezas, avessas ao tempo e ordem molar. Abaixo, excertos de dois biogramas produzidos nas Oficinas:

“Que pena, minha mãe não entendeu que brincava de ser professora aos nove anos e acabei de castigo sentada no vaso” (C. L. G, 07.08.10)

“Estava brincando com meus amigos no pátio e tive uma idéia: fazer um bolo com areia! Fiz, comi, e depois passei mal.” (M. 10.03.10)

Conclusões

Conforme afirma Deleuze, “escreve-se porque algo da vida se passa em nós. Qualquer coisa. Desde que se consiga acompanhá-la em direção à infância do mundo – e restaurar esta infância”. Escrever é tornar-se outra coisa. É nesse sentido que as Oficinas de Escrita e as produções resultantes expressam *involuções criadoras*. Processos de devires que fazem passar o artístico (criação), e escapam aos regimentos do tempo, do sentido, e da verdade biográficos. É a escrita que, no devir-infantil, permite o processo de *outrar-se*, e implica o arrancamento do tempo presente, podendo, então, corresponder a sua própria transformação. Como aponta Corazza (2003), é o grau zero da infância como condição para que uma nova linguagem e um novo quadro artístico sejam criados, configurando uma outra infância nascida ao mesmo tempo da crítica das infâncias anteriores e de um plano virgem: desprovida de sentido, a ser artistada.

Referências Bibliográficas

- BARTHES, Roland. A preparação do romance vol. I. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
CORAZZA, Sandra. TADEU, Tomaz. Composições. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
DELEUZE, Gilles. Mil Platôs vol.IV. São Paulo: Ed. 34, 1997.
GIL, José. Diferença e negação na poesia de Fernando Pessoa. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.